

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS DE MUDANÇA DO INSUCESSO ESCOLAR DE ALUNOS REPROVADOS NA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA

PSYCHO-PEDAGOGICAL INTERVENTION: POSSIBILITIES AND PERSPECTIVES OF CHANGING THE SCHOOL FAILURE OF STUDENTS FAILING IN THE PORTUGUESE LANGUAGE SUBJECT

Maria Geane da Silva Braga¹

Resumo: A reprovação escolar é algo que apesar de tão antigo nos impressiona a todo tempo, pois acontece naturalmente nas escolas e, mesmo sendo de conhecimento de todos, não se tem pensado efetivamente em uma intervenção psicopedagógica eficiente que venha reverter os altos índices, principalmente na disciplina de língua portuguesa. Além disso, é preciso dizer que essa situação não depende só dos

professores, mas de toda a comunidade escolar: pais, coordenadores, diretores, familiares e demais colaboradores da instituição de ensino e especialmente de todos os alunos envolvidos nesse contexto. Na educação, quando se trata de dificuldades de aprendizagem, de imediato se associa a essa questão à classe menos favorecida, ou seja, o histórico familiar passa a ser uma das premissas para justificar o que não

¹ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional

se cumpriu ao longo da vida do aluno, que nada mais é do que o direito de aprender. Diante disso, é preciso saber a origem da falta de sucesso da aprendizagem, do insucesso escolar na disciplina de língua portuguesa que leva a altos índices de reprovação nas escolas brasileiras para intervir nessa situação de forma mais criteriosa. Vale ressaltar, ainda, que as condições atuais permitem repensar sobre o ensino da leitura e da escrita, pois há diversas considerações no que se refere ao conhecimento didático acumulado às transformações educacionais realmente significativas. Espera-se, sem procurar culpados, buscar a união de agentes e ações com intervenções transformadoras na melhoria da aprendizagem escolar, abolindo ou minimizando o tão discutido insucesso escolar por meio da reprovação na disciplina de língua portuguesa.

Palavras-Chave: Insucesso Escolar, Reprovação, Leitura e Escrita, Intervenção Psicopedagógica.

Abstract: School failure is something that, despite being so old, impresses us all the time, as it happens naturally in schools and, even though it is known to all, there has been no effective thought of an efficient psychopedagogical intervention that will revert the high rates, especially in the Portuguese language subject. Furthermore, it must be said that this situation does not only depend on the teachers, but on the entire school community: parents, coordinators, directors, family members and other collaborators of the educational institution and especially on all students involved in this context. In education, when it comes to

learning difficulties, this issue is immediately associated with the less favored class, that is, family history becomes one of the premises to justify what was not fulfilled throughout the student's life, which is nothing more than the right to learn. Therefore, it is necessary to know the origin of the lack of learning success, of the school failure in the Portuguese language subject that leads to high failure rates in Brazilian schools in order to intervene in this situation more judiciously. It is also worth mentioning that the current conditions allow rethinking about the teaching of reading and writing, as there are several considerations regarding the didactic knowledge accumulated in the really significant educational transformations. It is expected, without looking for culprits, to seek the union of agents and actions with transfor-

mative interventions in improving school learning, abolishing or minimizing the so-discussed school failure through failure in the Portuguese language subject.

Keywords: School Failure, Failure, Reading and Writing, Psychopedagogical Intervention.

INTRODUÇÃO

A reprovação na disciplina de língua portuguesa pode gerar, dentre outros, o insucesso escolar de muitos estudantes. Tema este, muito debatido no cenário da educação, principalmente para entender os fatores que levam a este problema, ressaltando, ainda, que a educação é um direito de todos.

Dessa forma, levando em consideração que a reprovação escolar é um dos maiores problemas e desafios do sistema

educacional, definiu-se como tema de pesquisa a ser desenvolvido: Intervenção Psicopedagógica: possibilidades e perspectivas de mudança do insucesso escolar de alunos reprovados na disciplina de língua portuguesa, pois, há algum tempo se discute no âmbito social e da educação os fatores que levam à reprovação dos alunos nas escolas brasileiras e conseqüentemente ao insucesso escolar dos mesmos. Decerto que muitos são os esforços para reverter os índices que se apresentam nesse campo, mas, infelizmente, há muito que percorrer, pois se tudo muda na educação para mais ou para melhor e o aluno não aprende sequer o básico nos aspectos da linguagem e suas tecnologias, ou mesmo em outras áreas, para quê ou quem foi mesmo essa mudança? Além disso, no ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao

fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência são inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres e que estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever.

Em relação a esse problema, vários pesquisadores e estudiosos associam tal fato à pouca participação da família, à falta de qualidade no ensino em detrimento à falta de formação permanente e significativa dos professores, ao modelo de gestão, entre outros determinantes, dos quais servem de justificativa para a não aprendizagem dos alunos, que paralelo a isso apresenta como consequência a desmotivação, a ausência de habilidades e competências básicas na leitura e na escrita.

Em função disso, a criança passa de uma série para

outra com enorme carência linguística, ganhando proporções absurdas no tocante à aprendizagem. O que seria construído firmemente em suas fases iniciais de aprendizagem, passa a ser descaracterizado e descoberto nas séries seguintes, prejudicando de maneira excessiva o desenvolvimento cognitivo do aluno.

A reprovação escolar é algo que apesar de tão antigo nos impressiona a todo tempo, pois acontece naturalmente nas escolas e, mesmo sendo de conhecimento de todos, não se tem pensado efetivamente em uma intervenção psicopedagógica eficiente que venha reverter os altos índices, principalmente na disciplina de língua portuguesa.

Além disso, é preciso dizer que essa situação não depende só dos professores, mas de toda a comunidade escolar: pais, coordenadores, diretores, fami-

liares e demais colaboradores da instituição de ensino e especialmente de todos os alunos envolvidos nesse contexto. Na educação, quando se trata de dificuldades de aprendizagem, de imediato se associa a essa questão à classe menos favorecida, ou seja, o histórico familiar passa a ser uma das premissas para justificar o que não se cumpriu ao longo da vida do aluno, que nada mais é do que o direito de aprender.

Diante disso, iremos nos aprofundar para sabermos a origem da falta de sucesso da aprendizagem, do insucesso escolar na disciplina de língua portuguesa que leva a altos índices de reprovação em uma escola pública do interior de Alagoas.

Salienta-se a importância deste estudo em função de dois aspectos: social e profissional. O social por apresentar um apelo maior no sentido de as



ações públicas e políticas tomarem a educação como prioridade em todos os seus aspectos e sentidos, pelo menos, isto é uma das questões mais discutidas no cenário educacional. E o profissional, buscando contribuir para a diminuição deste problema, considerando, portanto, as condições de trabalho e, principalmente, do ensino oferecido ao sujeito aprendiz.

Vale ressaltar que as condições atuais permitem repensar sobre o ensino da leitura e da escrita, tanto do ponto de vista social, quanto profissional, pois há diversas considerações no que se refere ao conhecimento didático acumulado, e também as contribuições de outras áreas que estão inter-relacionadas às transformações educacionais realmente significativas.

Portanto, espera-se conhecer as causas da reprovação

na disciplina de língua portuguesa e seus diferentes fatores para proceder às ações de intervenção psicopedagógica no contexto do insucesso escolar dos alunos, no sentido de descrever as principais características e significados do conceito de reprovação, insucesso escolar e intervenção psicopedagógica para identificar essas causas e consequências na disciplina de língua portuguesa. E, assim, apontar ações de enfrentamento com vistas à intervenção psicopedagógica para o problema da reprovação e o insucesso na disciplina de língua portuguesa, entre elas, a relação escola - família, a qualificação profissional e o papel da equipe diretiva da unidade escolar.

Mediante o contexto, e, sem procurar culpados, buscar, portanto, a união de agentes e ações com intervenções transformadoras em prol de melhorias na

aprendizagem escolar, abolindo ou minimizando o tão discutido fracasso escolar por meio da reprovação na disciplina de língua portuguesa.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E SIGNIFICADOS DO CONCEITO DE REPROVAÇÃO, INSUCESSO ESCOLAR E INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A reprovação tem sido discutida ao longo do tempo em vários ambientes, principalmente no escolar. Muitos fatores são conhecidos, alguns supostos, mas não podemos negar a responsabilidade enquanto professor, quando um aluno é reprovado. Além disso, um aluno reprovado passa pela distorção idade-série, várias dificuldades de aprendizagem, ausência de acompanhamento familiar, e ainda, a baixa auto-

estima até por fim chegar à evasão escolar. Para SILVA (2007), a reprovação é um instrumento covarde, pois, segundo este, joga - se toda a culpa das mazelas da educação justamente no elo mais fraco da corrente - o aluno.

No entanto, é preciso entender que esse problema está relacionado a um contexto mais geral, ou seja, a uma sociedade marginalizada, marcada pela violência, desemprego, sem condições de vida humana e completamente excludente, por não atender às exigências da ordem mundial que cresce com o desenvolvimento tecnológico, a globalização cultural e as leis mercantis, e que gera cada vez a seletividade social. Partindo desse contexto, refletir “se todas as demais condições necessárias melhorarem, mas os alunos não aprenderem mais e melhor, não há melhoria na qualidade da edu-

cação” (ASSMANN, 1995 apud LIBÂNEO, 2001.p. 61).

De acordo com esse pressuposto, o fato de a escola muitas vezes não saber fazer de seus alunos competentes leitores, certamente poderá trazer consequências graves e diversificadas para o futuro destes estudantes, pois terão dificuldades em continuar na escola, onde a leitura transcorrerá em todo o tempo, e estes por apresentar limitações acerca da mesma, logo passarão a serem candidatos à reprovação e à evasão escolar. Assim, Cagliari (2009. P.6) apresenta que:

Uma das causas desse fracasso escolar, a meu ver, é a incompetência técnica. Ocorre que quem orienta a educação (escolas de formação, secretarias de educação, autores de livros didáticos, professores...) não sabe ensinar devidamente,

porque desconhece muitos aspectos básicos da fala, da escrita e da leitura [...].

No Brasil, a história da política educacional desencanta todos os comprometidos com um ensino de qualidade, pois os primeiros bancos escolares foram violentamente autoritários, a favor de um modelo caprichoso, gerando a primeira mão de obra em exploração, genuinamente brasileiras, jesuitamente alfabetizadas, hoje ambas tão promovidas em ações de marketing pelos nossos governantes com a propaganda Educação para Todos.

Este problema tem inquietado muita gente até hoje. Basta apenas, atentarmos para os dados de 2014 da Avaliação Nacional da Alfabetização do MEC (ANA, 2013), 22% dos alunos de oito anos não sabiam ler adequadamente e 35% não sabiam

escrever. Já nos anos finais do ensino fundamental, a Fundação Lemann analisa que o Brasil avançou nos anos finais, mas ainda não estamos em um patamar adequado. As taxas de aprovação estão subindo muito lentamente, a evolução em proficiência é abaixo do desejável e não concretiza completamente os avanços dos anos iniciais em anos anteriores. Outro estudo conduzido pelo IPM (Instituto Paulo Montenegro) e pela ONG Ação Educativa em 2015 concluiu que apenas oito a cada grupo de cem pessoas em idade de trabalhar no Brasil são consideradas plenamente capazes de entender e se expressar por meio de letras e números.

Para FREIRE (1996, p.47):

[...] Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria

produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Dessa forma, educar e ensinar torna-se um caminho de mão dupla, não se podem desconsiderar os conhecimentos que perpassam na vida das pessoas, pois sempre temos algo a dar e a receber. O ensino é vida, vivência, portanto, o professor é apenas um mediador do conhecimento que deve trocar experiências de vida com o educando, que certamente aprenderá a conhecer situações novas. E, isto não quer dizer transferência, quer dizer



sistematizar um conhecimento que já existe, dando possibilidade de as crianças e jovens aprenderem a usar este conhecimento em situações que precisem por em prática o que já faz parte do seu próprio meio, internalizando assim, o que adquirirem ao longo de suas vidas. Agindo dessa forma, o professor estará mais livre para selecionar os métodos, as técnicas e buscará os rumos e o ritmo que mais se adequar á turma, colocando sua sensibilidade acima de qualquer modelo preestabelecido.

Segundo CAGLIARI

(2009, p.19):

A escola moderna se envolveu num emaranhado de teorias e métodos, mas se afastou, de fato, da realidade de seus alunos. O que fez a escola? Creio que nem ela própria sabe explicar. É preciso recu-

perar o fio da meada e começar a tecer de novo. Não ao acaso, nem de maneira mais complicada do que o próprio mundo, mas na justa medida das coisas. Por exemplo, ensinar língua portuguesa é ensinar língua portuguesa e não fazer disso um campo de prova de teorias ou hipóteses psicológicas, pedagógicas, ou seja, lá o que for. Mas o que é ensinar língua portuguesa para pessoas que já sabem falar o português?

Diante disso, é preciso refletir acerca dos altos índices de reprovação na disciplina de língua portuguesa para poder intervir psicopedagogicamente no processo do ensino e da aprendizagem, dentre os vários descaminhos apresentados nesse contexto, a família se traduz como um

dos fatores mais necessários para ajudar a reverter essa cultura.

Assim:

Bons pais conversam, pais brilhantes dialogam. Entre conversar e dialogar há um grande vale. Conversar é falar sobre o mundo que nos cerca. Dialogar é contar experiências, é segredar o que está oculto no coração, é penetrar além da cortina dos comportamentos, é desenvolver inteligência interpessoal. (GARDNER, 1995 apud CURY, 2003.p. 42).

Portanto, um dos significados que melhor explicaria a palavra reprovação poderia se aplicar à qualificação escolar que se encontra abaixo de aprovado. Então, quando dizemos que um aluno foi reprovado em alguma

matéria significa que ele não alcançou a média desejada de uma prova ou outro instrumento de verificação da aprendizagem, por que, sua nota obtida não foi satisfatória. Atrelado a isso, a consequência pode se esbarrar no insucesso escolar, especialmente no ensino de língua portuguesa, pois, a depender da forma pela qual a leitura e a escrita são apresentadas na escola, as noções que as crianças têm desses dois processos vão-se modificando, ficando confusos e até por vezes truncados. É preciso ressaltar, pois, que as crianças dão sentido à escrita conforme as experiências vividas e os conhecimentos adquiridos. Porém, se a escola não percebe isso, termina confundindo falta de conhecimento da criança com incapacidade mental ou motora, levando a uma avaliação desta como inapta para aprender, e por vezes até justi-

ficando para que não se ensine nada a ela, gerando uma carência muito maior quando a mesma chega aos anos finais do ensino fundamental.

Destarte, ainda de acordo com a Fundação Lemann, mais de 19% dos alunos reprovam no 6º ano, principalmente em língua portuguesa. Esta situação reflete o grande desafio acerca da transição dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental para que não aconteça o insucesso escolar. Contudo, se a escola não funciona para o sucesso do aluno, que trocando em miúdos, seria a garantia do direito de o mesmo aprender, então, a falha da instituição gera o fracasso de toda a comunidade escolar. Isto porque, o sistema não fora capaz de motivá-los, integrá-los, acreditarem na própria capacidade e fazer com que tivessem êxito, tornando-se, portanto um

tremendo desafio, já que todos os casos individuais se transformaram em problemas sociais.

De acordo com OLIVEIRA (2015)

Ouvindo tanto os pais quanto os profissionais da escola o que se percebe é o cansaço que essas crianças causam em seus pais e professores e a dúvida de como eles, sendo tão ágeis e inteligentes, não conseguem prestar atenção e desenvolver, com sucesso, atividades corriqueiras do dia-a-dia, que são propostas tanto pela família quanto pela escola, tais como arrumar o quarto, fazer as lições escolares, obedecer a regras combinadas, dentre outras. A incapacidade de prestar atenção ou de ficar quieto leva os adultos que convivem com essas crianças a conside-

rá-las malandras e, frequentemente, são rotuladas de irresponsáveis, malcriadas, endiabradas, avoadas, surdas e até mesmo, pouco inteligentes. O rol costuma ser de adjetivos pejorativos e, como resultado, os pais e educadores vivem conflitos entre sentirem-se impotentes diante da criança e a vontade de ajudá-los. Não percebem o esforço que essas crianças fazem para obter sucesso em suas tarefas e que se fazem coisas com aparente facilidade é porque estavam altamente estimulados para aquela investida.

Diante do exposto, em primeiro lugar, a escola deve compreender que alunos com dificuldade de aprendizagem não

são incapazes de aprender. É papel da escola, portanto, quebrar certos rótulos e paradigmas de que um aluno com dificuldade de aprendizagem é “deficiente” ou “fraco”. Também é essencial que os profissionais e professores tenham conhecimento sobre as diversas dificuldades de aprendizagem, já que todos eles vão influenciar o avanço e melhoria do aluno e por último, a importância do engajamento da família no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem.

Para que as escolas formem cidadãos críticos e atuantes na sociedade é preciso ir muito além com a nossa educação. Conforme Antunes (2003) é necessário que cada profissional envolvido com o processo ensino-aprendizagem discuta a educação de forma reflexiva, crítica e criativa. Os



professores precisam trabalhar com o objetivo de formar cidadãos para o exercício fluente, adequado e relevante da linguagem verbal, oral e escrita, capazes de criticar, opinar e decidir. (KUSIAK, 2002).

Para isso, quanto mais variadas estratégias cada um se apropriar, melhor será o resultado do que se pretende alcançar nesse aspecto, por exemplo: aula expositiva e dialogada; aulas práticas; tempestade cerebral; aula demonstrativa; estudo dirigido; resolução de exercícios; leituras e escrita de diversos gêneros, discussão e debates; laboratórios e oficinas; estudo do meio; dinâmicas de grupo; trabalho em grupo; trabalho em dupla, pesquisa, entre outros, que bem aplicados, poderão adequar metodologia

ao conteúdo trabalhado. A este conjunto de iniciativas, podemos denominar “intervenção psicopedagógica”, ou seja, ação conjunta, mediação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e que possam ser estimulados reciprocamente, por força da interação a que estão submetidos.

Segundo KUSIAK

(2002):

Na perspectiva discursivo-interacionista, o ensino da língua é uma atividade interativa, inserida no universo das práticas sociais, discursivas, envolvendo interlocutores, propósitos comunicativos determinados e realiza-se sob a forma de textos, mais especificamente sob a forma de diferentes gêneros de textos. Esta prática deveria se sobressair em nossas escolas.

Portanto, no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, especialmente no ensino da Língua Portuguesa, um dos desafios seria rever e/ou reorientar a prática pedagógica, o planejamento e a didática utilizada pelos professores no ensino da própria língua, mas dentro de um contexto maior, ou seja, o aluno deve ser protagonista do processo. Para isso, toda a comunidade escolar precisa refletir sobre o seu real papel, reelaborar estratégias para que o aluno adquira a competência ou habilidade que ainda não tenha completamente sido atingida. E desta forma, o aprendizado seria mais significativo para o aluno e o processo educativo ganharia qualidade.

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO INSUCESSO ESCOLAR

As causas do insucesso escolar podem está relacionadas com o ambiente em que o aluno está inserido, ou seja, com o seu meio familiar, social e escolar. Em cada um destes há uma diversidade de fatores e situações que poderão levar a um caso de insucesso.

Nesse sentido, Cury (2003, p.31) enfatiza:

Que educação é esta que fala sobre o mundo em que estamos e se cala sobre o mundo que somos? Pergunte sempre aos seus filhos: “O que está acontecendo com você?”, “Você precisa de mim?”, “Você tem sofrido alguma decepção?”, “Você tem vivido alguma decepção?”, “O que eu posso fazer para torna-lo mais feliz?”

No meio familiar essas questões acontecem desde a precipitação dos pais em fazerem os seus filhos entrar na escola com menos idade até a indiferença desses mesmos pais no acompanhamento da vida escolar dessas crianças. Paralelo a isso ainda pode destacar o mau ambiente entre os pais, onde se percebe muitas vezes as sucessivas discussões, além dos motivos econômicos, ou seja, o aluno se vê como mais uma despesa e por isso, vai trabalhar para ajudar nas questões familiares, dedicando, portanto menos tempo aos estudos. É preciso, pois, alimentar o interior de cada aluno. Ajudá-los a desenvolverem a capacidade crítica e não permitir que eles vivam com os pesadelos, mas em campo de sonhos, assim, eles serão livres para escolher e decidir.

Já no meio social, mui-

tos alunos se deparam com a falta de popularidade entre os colegas ou mesmo com o excesso de atividades extracurriculares.

Buscar construir o sujeito, sua infância, frente as suas condições sociais relacionadas aos aspectos históricos e culturais, visa situar este sujeito em seu lugar social, perceber como este interage com a temporalidade, como se constitui como sujeito. Neste sentido, visa problematizar os processos de historicidade e socialização existentes em seu cotidiano: quem é esta criança que se apresenta sobre nosso olhar? (Maia, 2007, p.47).

Diante desse contexto e da atual conjuntura da vida pós-moderna, avalia-se que indivíduo e sociedade não existem

isoladamente e de forma unilateral. As mudanças que perpassam ao longo da existência de ambos são decorrentes da ligação de cada qual, ou seja, homem x sociedade, além do pluralismo e não da individualidade como em uma grande teia. Em meio a essas reflexões há reconhecimento do sujeito como flexível, mutável e indissociável da sociedade, na qual assume inúmeros papéis de acordo com os costumes do seu meio.

Nesse sentido, OLIVEIRA (2015) nos chama atenção:

Tem sido muito comum nos consultórios de psicopedagogia a queixa de pais que verdadeiramente desabam, denunciando estarem exaustos com a rotina estressante que seus filhos lhes impõem. Discorrem as várias estratégias já tentadas com o objetivo de

atendê-los em suas necessidades e agitação, todas elas, na maioria das vezes, ineficazes. Os pais compreendem o que acontece com seus filhos e ficam perplexos diante do tumulto que causam em suas famílias.

Então, há de se levar em consideração todo o entorno em que o aluno esteja inserido para que a aprendizagem deste venha acontecer de fato e de direito. Dessa forma, a escola é propulsora nessa caminhada rumo ao conhecimento. Pois, este é quem assegura ao indivíduo, o respeito à sua maneira de pensar e agir. Além disso, haja vista no momento que tudo isso deve ser considerado de maior importância na elevação social, no atual momento de grandes e significativas mudanças globais. Não

estamos falando de um conhecimento compartilhado, mas um saber amplo, duradouro, crítico e emancipatório. E isso só é possível, se a escola abrir as portas para uma educação que garanta ao sujeito o direito dele aprender, que respeite as experiências vividas e instigue o aluno a pensar sobre o seu papel nos diversos aspectos de sua vida.

De acordo com PONTES (2005):

Os professores recebem diariamente em suas salas de aula alunos que não aprendem o que se espera que eles aprendam. Nesse sentido, não é possível negar a realidade do fracasso escolar. Contudo, o fracasso escolar não é um fato que possa ser constatado pela experiência. É, antes, uma forma de verbalizar a experiência e a prática, de recortar,

interpretar e categorizar o mundo.

Dessa forma, e não querendo esgotar todas as causas que levam ao insucesso escolar até o momento, destaca-se, ainda, o próprio meio escolar. Isto porque, a preparação deficiente nos anos escolares anteriores trazem inúmeras consequências: a falta de estudo e/ou interesse pela escola e disciplinas lecionadas; o mau funcionamento da própria escola; os métodos não eficazes estabelecidos pelo professor para ultrapassar as dificuldades do aluno e o elevado número de alunos numa mesma turma são algumas situações que precisam ser repensadas por todos que fazem parte da cultura escolar.

(...) é crucial a formulação de um projeto de educação escolar que se posicione em relação às obrigações sociais do Estado, à

organização do sistema nacional de ensino e aos temas mais recorrentes da questão escolar: gestão, currículo, avaliação institucional, profissionalização de professores e processo de ensino e aprendizagem. (Libâneo, 2001, pág. 7).

Assim, a escola precisa ressignificar o seu papel. Com isso, os alunos adquirem criticidade e tentam contrariar este tipo de situação, pois a escola é um instrumento essencial para uma formação profissional e, possivelmente uma situação econômica estável, mediante o nível social, onde os alunos têm a oportunidade de expandirem os seus horizontes e de experimentarem diferentes sentimentos.

Nesse cenário, OLIVEIRA [2015] relata que:

(...) o insucesso escolar fica vinculado à compreensão que se tem do papel da escola. Se entendermos que o papel da escola é construir conhecimento com “todos” os alunos, certamente os profissionais da escola procurarão formas de promover aprendizagens. A rigidez da escola pode gerar, além do fracasso escolar e do sentimento de incapacidade, uma situação emocional desfavorável à aprendizagem, gerando baixa autoestima e desestimulando e dificultando, ainda mais, a aprendizagem da criança ou do adolescente. Não é raro um aprendiz apresentar-se dizendo: “Sou burro para os estudos”. Igualmente importante e, talvez até mais determinante, é a ri-

gidez da família ao não aceitar seu filho como ele é e entender que cada um de nós tem suas dificuldades e pontos a serem superados.

Contudo, os jovens nem sempre encaram a escola de uma forma positiva e o insucesso escolar pode provocar uma multiplicidade de consequências como: a desmotivação, o desinteresse ou mesmo o abandono da escola, uma baixa autoestima, o afastamento de colegas e amigos, a entrada para o caminho das drogas, a tendência para a criminalidade, entre outros.

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa sucesso é “2.1. bom resultado; êxito, triunfo; 3. pessoa ou coisa vitoriosa, de grande popularidade (...)”.

Vê-se, então, uma im-

possibilidade de promoção do sucesso na escola brasileira, hoje. Ora, para haver sucesso é necessário ter pessoas conscientes: alunos, educadores, pais, entre outros, dos quais se constituem nesse processo. E mais: que o processo seja transparente e honesto, com a participação eficaz de todos os que nele estão inseridos.

Nesse sentido, PONTES (2005, p. 35) considera que:

(...) são objetivos da educação contribuir para que a interação e convivência da criança na sociedade sejam produtivas e marcadas pelos valores de solidariedade, liberdade, cooperação e respeito, e facilitar e incentivar atitudes de cooperação social e responsabilidade moral, então a escola tem papel fundamental na qualidade dos relaciona-

mentos que o sujeito vai estabelecer na sua vida. Além disso, é essencial, para uma aprendizagem de qualidade, que a criança esteja motivada e envolvida nas ações propostas e o professor é o principal responsável por estimular e criar condições para essa motivação, garantindo o desenvolvimento integral de seu aluno.

De acordo com a autora, o sucesso escolar implica diversos outros fatores. Dentre eles, podemos ressaltar a importância da autoestima e autoconceito da criança, das concepções das crianças acerca da leitura e escrita, da relação professor-aluno e da postura do professor frente aos problemas que as crianças enfrentam. Por considerar esses fatores fundamentais para o sucesso escolar e por estarem, os

quatro, intimamente relacionados, a proposta é discuti-los aqui, embora diversas vezes isso já tenha sido debatido nos diversos segmentos da educação. Inclusive por meio de políticas públicas, o próprio Ministério da Educação projetou o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, objetivando metas que contribuíssem para que as escolas e secretarias de educação pudessem viabilizar o atendimento de qualidade aos alunos, com foco nas salas de aula.

O MEC precisava identificar as redes de ensino municipal ou estadual que apresentam maiores dificuldades no desempenho escolar, para então dar uma maior atenção, apoio financeiro e de gestão a estas instituições. Com esta finalidade o PDE, disponibilizou um instrumento denominado Índice

de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). O Ideb seria, portanto, o termômetro da qualidade da educação básica em todos os estados, municípios e escolas do Brasil. Ele seria calculado através de dois indicadores: fluxo escolar (passagem dos alunos pelas séries sem repetir, avaliado pelo Programa Educasenso) e desempenho dos estudantes (avaliado pela Prova Brasil nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática). (Brasil, MEC, 2008)

Contudo, para que as causas e consequências do insucesso escolar, associadas, dentre outros, a problemas familiares, cognitivos, psicológicos e neurológicos da criança superem as barreiras no processo de aquisição do conhecimento, será

preciso, independente de conceituações, legislação, políticas públicas, entre outros, considerar os que ensinam e os que aprendem para lidar com uma infinita diversidade que irão encontrar em uma sala de aula, pois cada qual advém de diferentes culturas, histórias, famílias, expectativas, experiências e pensamentos próprios. E, o fracasso escolar é uma chaga que atinge os alunos e pela exclusão social que se projeta na vida adulta poderá trazer sérias consequências se não for identificado e proceder a uma intervenção a tempo por parte de todos os envolvidos no contexto da escola.

Em uma retrospectiva da instituição escolar no Brasil, vemos que há muito já temos políticas educacionais e um discurso no sentido de se oferecer uma escola de qualidade

para todos, de acabar com o analfabetismo e instituir metas de colocar ‘todas as crianças na escola’. (Pontes, 2005, p.36).

Dessa forma, vale salientar que a educação não é mérito de um único professor ou de uma única escola, mas é o objetivo de todo docente e de toda comunidade escolar, nesta se insere desde o porteiro da instituição até chegar à família. Ninguém escapa da educação, pois em casa, na rua, na igreja ou na própria escola, todos nós envolvemos partes da vida com ela, visto que esta se traduz em troca permanente de vivências, experiências e, é assim que se aprende e também se ensina. É preciso, ainda, saber, para saber fazer ou para conviver. Todos os dias se misturam a vida social, cultural com a vida da educação. O que muitos ainda

não conseguiram entender ou talvez não entendam mesmo é que o aluno é um sujeito que tem a sua própria vida antes de iniciar a sua complementação na escola. Portanto ele pensa, ele sabe de muita coisa. Ele não chega vazio. Ele precisa apenas que as pessoas novas, que aquele novo mundo acredite que ele tem a capacidade para aprender e chegar a esse tão discutido sucesso escolar.

É importante reunir, para conversarem, os profissionais que atendem a criança, a família e os professores e coordenadores pedagógicos da escola que frequenta, para que seja traçado, para cada caso, uma linha de ação em termos de responsabilidades da escola, da família e dos profissionais que lidam com a criança. O que deve permear essa reunião é a coerência entre as diferentes

propostas e possibilidades concretas de se realizar o que se propõe. A escola assume o papel pedagógico do processo, no entanto, respaldada pelos profissionais que atendem a criança e validado pelos pais. (Oliveira, 2015).

Entendemos, portanto, que o grande objetivo da escola e da educação é construir sujeitos aprendizes, autores de sua vida e resilientes para promoverem aprendizagens e enfrentarem suas dificuldades. Muitas vezes com o olhar mais de perto ou mesmo um toque afetivo pode alcançar ou instigar o sucesso das pessoas. Decerto que devemos levar em consideração a parte governamental. Cada um precisa se responsabilizar pelo que assume diante da vida pessoal ou profissional. No entanto, as ideias, os

projetos não podem permanecer apenas nas mentes ou nas gavetas. Isto não basta. É preciso que as leituras saiam do pensamento, do papel e passem a ter vida, porque são muitos os estudos, as discussões e, infelizmente vemos uma prática um pouco distante da realidade. O que fazer para um aluno que frequenta a escola desde os quatro anos de idade chega ao ensino fundamental II e ainda sequer sabe extrair informações básicas de um texto simples? O que fazer para um aluno que vem de uma desestrutura familiar ou social e não consegue se concentrar nos conteúdos ensinados? O que fazer para um professor que há muito perdeu a vontade de ensinar? O que fazer quando se depara com uma gestão escolar que ao menos sabe o significado de gestão? O que fazer com um secretário de educação que apenas preenche o cargo político sem

compromisso com a educação?

Poderíamos elencar vários questionamentos que traz como consequência o insucesso escolar, mas, infelizmente a maioria deste insucesso se esbarra naquele que deveria ser o protagonista do processo educativo: o aluno. Desse modo, podemos entender esse pensar sobre educação e fazer educação como uma nova forma de fazer política voltada para os interesses dos grupos num movimento de ação, reação, reflexão, que nos faz compreender politicidade inerente aos processos educativos. Por outro lado, ressalta-se a importância da afetividade na vida do aluno, pois esta sempre se apresenta na vida dos seres humanos, seja qual for o ambiente onde eles se encontram, na família ou qualquer que seja a instituição as relações pessoais, familiares e o processo de aprendizagem

estará sempre influenciada pela afetividade.

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA PARA O PROBLEMA DA REPROVAÇÃO E INSUCESSO ESCOLAR

Para que a intervenção psicopedagógica aconteça com sucesso o psicopedagogo ou educadores precisam muito mais do que dominar técnicas de psicologia e/ou pedagogia. Desta forma, eles devem estar sempre se atualizando nos assuntos que permitem compreender o sujeito aprendiz na maioria de suas manifestações, tanto psíquicas, quanto motoras, sociais ou biológicas, visando a prevenção como eixo principal do seu trabalho.

Neste sentido, autores como BOSSA (2000) nos ajuda a entender que a psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana,

que adveio de uma demanda sobre o problema de aprendizagem e como se preocupa com esse problema, deve ocupar-se inicialmente do processo de aprendizagem, estudando assim, as características da mesma. Já SCOZ (1994) nos diz que o objeto de estudo da psicopedagogia deve ser entendido a partir de dois enfoques: preventivo e terapêutico. O primeiro considera o objeto do estudo de psicopedagogia o ser humano em desenvolvimento enquanto educável, e o segundo, uma identificação, análise, elaboração de uma metodologia de diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

Diante do exposto, percebe-se que para proceder a uma intervenção psicopedagógica no enfrentamento de problemas relacionados à reprovação e conseqüentemente ao insucesso escolar não é tarefa simples, pois,

somente poderemos reverter tal situação a partir de uma ação conjunta, ou seja, uma mediação entre os sujeitos envolvidos nesse contexto e que possam ser estimulados reciprocamente por força da interação a que estão submetidos.

Segundo SILVA (2007):

Uma das principais violências praticadas contra os alunos é a covarde reprovação escolar. Os alunos mais contestadores ou rebeldes são sistematicamente suspensos ou expulsos da escola pública. Isso mesmo sabendo-se que a Constituição Federal garante o acesso e a permanência na escola pública.

Isto significa que, dentre as várias formas de violências reais enfrentadas pelos alunos, a simbólica da reprovação escolar é a mais covarde, pois, aparen-

temente se esconde na mediação pedagógica, além de responsabilizar os mesmos pelo insucesso da escola. Sendo assim, acabam com a autoestima do aluno e em nome desse insucesso livram a má qualidade da escola que por vezes não se preocupam com as condições ofertadas em relação ao processo do ensino e da aprendizagem.

De acordo com MAYA & FISCHER (2008, p. 77):

(...) o processo de intervenção psicopedagógica é imprescindível. Tanto no espaço educativo, como em outras instituições em que ocorram os processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma devemos saber reconhecer, diferenciar o que é próprio do fracasso escolar e o que é parte do processo sintomático das dificuldades de aprendizagem.

Assim, a intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do processo de aprendizagem humano, o qual jamais está dissociado de processos de ensino. Logo, um aluno reprovado e que apresenta uma condição socioeconômica desfavorável, que não recebe o incentivo correto para o estudo em casa e que ainda apresenta problemas de fundo biológico estará fadado ao insucesso escolar.

Sem dúvida, estamos tratando de um tema complexo. Portanto, faz-se necessário uma série de questionamentos antes de proceder a um trabalho pedagógico de intervenção referente ao assunto em estudo: de que maneira o professor poderá desempenhar um trabalho de qualidade em meio a um universo tão diversificado de situações encontradas na sala de aula ou mesmo

na escola? Como lidar com a falta de perspectiva de jovens alunos, onde muitos destes vêm de uma cultura de reprovação? Como fazê-los sonhar com um futuro possível e cheio de empenho e dedicação? De que maneira a escola pode promover a confiança e a esperança entre os seus alunos e professores? E como intervir nas questões advindas de circunstâncias de vida tão adversas, que levam ao desânimo, à acomodação?

Nesse sentido, FREIRE (1996, p.30) relata que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas tam-

bém, (...), discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Portanto, as questões sociais referentes à família, à instituição escolar, à política, à religiosidade ou qualquer outro âmbito social, não são solucionadas buscando-se apenas um culpado, neste caso, o aluno, que é apresentado como responsável pelos seus problemas de indisciplina. Ao contrário do que se imagina, as razões pelas quais a (in) disciplina ocorre, estão direta ou indiretamente, distribuídas igualmente entre a escola, os familiares, a ausência de limites, as desigualdades sociais, o aluno e o professor. Embora as justificativas estejam centradas, quase sempre, em problemas na família, em influências da televisão,

da sociedade, da mídia como um todo, nas carências, as mais diversas, exime-se a escola ou mesmo o educador de qualquer responsabilidade.

Além disso:

Por um lado, as famílias aumentaram em número, mas a realidade é que a convivência diminuiu. Certamente não por opção, mas por necessidade, pelas exigências do mercado de trabalho, do custo de vida, dentre outras. [...] A família tem então um enorme poder tanto para o bem como para o mal. Quando vivemos a Cidadania Familiar, colocamos no mundo seres humanos com potencial transformador da dura realidade que vivemos, tanto social, quanto ecológica. Quando os criamos egoístas, individualistas, sem ética

e valores, estamos alimentando essa doença social que vemos não só no Brasil, mas no mundo todo. (TIBA, 2007, p.221).

Já visto anteriormente, a família exerce um papel muito importante e fundamental na vida de seus filhos/estudantes. Mas, complementando essa afirmativa, há várias dificuldades de aprendizagem que requer da família muito empenho e compromisso, pois a escola, independente das situações, não dá conta sozinha.

No Brasil, diversos estudos evidenciam que o insucesso escolar está mais presente na vida de jovens e adolescentes de escolas públicas. Vele ressaltar, portanto, que a presença de fatores de proteção pode contribuir para diminuir o impacto dos riscos, podendo, para isso ser pro-

movida algumas estratégias de prevenção.

De acordo com Viégas (2015, p.159):

Em “Psicologia e Ideologia” (1984), Patto chama a atenção para a participação ativa da escola no “processo de cassação da palavra do oprimido”, por meio de programas educacionais que impingem aos alunos um jeito de falar, pensar e agir que bloqueia sua expressão autêntica. Segundo a autora, aos alunos pobres restam duas possibilidades: “desistir (calar em classe ou abandonar a escola, após algumas reprovações) ou esforçar-se para corresponder e assimilar os padrões impostos” (p. 138).

Nesta direção, a repro-

vação em língua portuguesa, que por vezes traz como consequência para o aluno o insucesso escolar pode ser causada por diversos fatores, sejam eles de ordem psicológica, social, estrutural e/ou organizacional da própria escola ou mesmo do sistema de ensino.

De acordo com a Revista Científica Eletrônica de Pedagogia (2012):

No Brasil, desde a década de 80 existe a preocupação em melhorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa, por conta do fracasso escolar em relação à questão de leitura e escrita. Devido à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e escrever tem aumentado o nível de repetência [...].

Sendo assim, segundo Maya & Fischer (2008), há uma crescente necessidade de se pro-

mover ações de intervenção psicopedagógica, priorizando “um trabalho visando à aprendizagem, a interdisciplinaridade, o atendimento das necessidades apresentadas pela instituição e alunos” no intuito de amenizar ou quiçá, reverter os altos índices de reprovação na disciplina de língua portuguesa, tendo em vista que a linguagem é a expressão de um povo e que por meio desta, o cidadão compreende e age no mundo e no seu entorno. Por outro lado, os parâmetros curriculares de língua portuguesa (1997) apontam as evidências de insucesso escolar na disciplina e apresenta “a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita”.

Em uma pesquisa publicada no Estudando do Por-

tal Estudando Educação, com o tema “Os alunos reprovados no Brasil: uma análise das proficiências e das taxas de abandono por meio das avaliações Prova Brasil e Pisa” analisada por FARIA (2011), dentre os vários aspectos observados, o autor ressalta que garantir a aprendizagem se torna mais complexo no final do Ensino Fundamental e, especialmente, no Ensino Médio, já que é mais difícil desenvolver habilidades socioemocionais nos alunos quanto mais avançada a etapa em que estão. Ainda mais considerando que muitos chegam à escola sem a cultura de estudar e/ou sem terem desenvolvido habilidades como disciplina e foco.

(...) apesar de sinceramente concordar com os desafios existentes em sala de aula e com a complexidade da questão, sigo acreditando que a reprovação massi-

va de alunos não é a melhor saída para esses desafios. (FARIA 2011).

De acordo com o autor, a família tem grande importância no desenvolvimento das competências socioemocionais. No entanto, ele atribui à escola, a importância de buscar ser também protagonista neste processo, nutrindo altas expectativas pelos alunos, independentemente do contexto. Segundo o mesmo autor, outro aspecto relevante de abordar é que a baixa escolaridade de muitos pais e/ou o pouco tempo que eles têm para acompanhar as atividades escolares de seus filhos devido às longas jornadas de trabalho, exigem que a escola busque ser protagonista no processo. Para ele, ser protagonista não indica tentar resolver sozinha a questão, mas propor ações para engajar os pais e a co-

munidade.

Diante do exposto, em primeiro lugar, a escola deve compreender juntamente com a família que alunos com dificuldade de aprendizagem, reprovados ou com insucesso na escola não são incapazes de aprender. É papel da escola, portanto, quebrar certos rótulos e paradigmas de que um aluno com dificuldade de aprendizagem é “deficiente” ou “fraco”. Também é essencial que os profissionais e professores tenham conhecimento sobre as diversas situações de vida desse sujeito, pois cada um tem a sua própria história, e que muitas vezes é desconsiderada ao entrar na escola. Portanto, quanto mais variadas estratégias cada um se apropriar, melhor será o resultado do que se pretende alcançar no sentido de intervir psicopedagogicamente no processo do ensino e da aprendizagem.

Dessa forma, e sem pretensão de encerrar o que por ora está sendo apresentado nesse estudo, propõem-se, tendo por base diversas leituras, vivências e análises feitas por profissionais da educação, alguns instrumentos psicopedagógicos e estratégias de intervenção que aliados à discussão e diálogo compartilhados com a comunidade escolar poder-se-á alcançar o sucesso no processo de ensino e aprendizagem.

São eles:

a) Reunião com os professores e equipe gestora para refletir com todos acerca da resignificação de seu papel e orientações para a condução dos trabalhos;

b) Roda de conversa com os familiares, no intuito de fortalecer a relação família-escola e contribuir para a superação das dificuldades no processo

educativo dos filhos;

c) Acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos alunos, através de plantão pedagógico na escola;

d) Reunião com os professores e coordenadores, visando à elaboração de uma proposta pedagógica que atenda às especificações das dificuldades de aprendizagem identificadas;

e) Circuito de Troca de Experiências e Vivências Pedagógicas entre os professores para: analisar e resolver problemas, elaborar e desenvolver projetos e atividades na área da linguagem com o suporte das novas tecnologias de informação e comunicação;

f) Roda de conversa com os alunos por grupos específicos, conforme a demanda de dificuldades diagnosticadas para o alcance de resultados positivos;

g) Realizar momentos

de autoavaliação com todos os segmentos da escola; e

h) Reunião com a equipe gestora da secretaria de saúde para firmar parcerias.

Dessa forma, ressalta-se que este é um trabalho para o psicopedagogo que tenha ciência das atividades que estão sendo desenvolvidas pelos professores e os demais membros da escola, que saiba dos procedimentos de gestão e que ajude a mesma a realizar com precisão as tarefas, sempre em constante movimento e elo entre a equipe que realiza as ações com o acompanhamento de forma multidisciplinar e a família dos envolvidos nesse contexto. Assim, e por isso, é necessário investigar todos os aspectos que possam estar contribuindo de alguma forma para a problemática do insucesso da escola, no sentido de intervir da melhor

maneira possível.

Enfim, todos estarão ajudando a reverter às dificuldades de aprendizagem identificadas, principalmente, observando o aluno e auxiliando o seu processo de aprendizagem, tornando tanto o ambiente escolar harmonioso, quanto as aulas mais motivadas e dinâmicas, e nunca rotulando a criança, mas dando-lhe a oportunidade de descobrir suas potencialidades.

Segundo MAYA e FISCHER (2008):

O ser humano aprende desde o nascimento, assim está em constante processo de aprender, ou seja, essa ação dá-se ininterruptamente provocando ajustamentos, mais modificações por parte do sujeito, o qual tem atuação que interfere no contexto do qual participa, como também, suas relações irão influen-

ciá-lo inteiramente.

Finalmente, esperamos que o presente estudo sirva de norte ou mesmo foco para as futuras linhas de pesquisa que se relacionem com a discussão apresentada para a superação desses agravantes nas salas de aula; que vem gerando debates e embates na política educacional e que possamos visualizar a mudança de paradigmas existentes em busca da melhoria da aprendizagem de forma prática, pois se há insucesso na escola, neste se integra todos os envolvidos e não apenas o aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos o ensino da leitura, da escrita e a reflexão sobre a língua na escola enfrentou sérias dificuldades no que

se refere à aprendizagem. Isso se torna evidente a cada estudo desenvolvido nessa área. Com o presente estudo não foi diferente, pois ao elencar as causas da reprovação na disciplina de língua portuguesa e seus diferentes fatores para proceder às ações de intervenção psicopedagógica no contexto do insucesso escolar dos alunos, deparamos com inúmeras situações, desde as mais simples às complexas: falta de acompanhamento da família na vida escolar de seus filhos, contexto social e econômico fragilizado, ausência de formação permanente e significativa dos professores e o próprio ambiente da escola que não dá conta da demanda existente, principalmente quando se refere a alunos que tem muitas dificuldades com leitura, textos e outros no ensino da língua.

Diante do contexto apresentado foi preciso buscar a

descrição das principais características e significados do conceito de reprovação, insucesso escolar e intervenção psicopedagógica para poder entender quais os reais motivos que se relacionam com o insucesso escolar da criança ou jovem. Não foi difícil observar que estes estão inseridos no próprio ambiente em que o aluno vive, ou seja, com o seu meio familiar, social e escolar. No entanto, em cada um destes há uma série de fatores e situações que poderão levar a um determinado caso de insucesso: a origem social dos alunos, ainda tem sido a causa mais apontada para justificar os maus resultados. No nível familiar, tem-se realçado, sobretudo, as profissões dos pais e o que está em íntima relação com o seu nível sociocultural e socioeconômico. Dessa forma, vários autores consideram que é nos alunos oriundos das

classes sociais mais desfavorecidas a nível sócio-econômico-cultural que há maior incidência de insucesso escolar. Outro fator identificado desse insucesso se esbarra na escola, onde incide a maior taxa de reprovação, principalmente na disciplina de língua portuguesa. Neste contexto, a reprovação pode ser vista como algo antipedagógico, já que, o aluno que reprova uma vez tende, de acordo com alguns estudiosos dessa área, ao fracasso.

Assim, constatou-se, também, ao identificar as causas e consequências do insucesso escolar na disciplina de língua portuguesa uma multiplicidade de consequências como: a desmotivação, o desinteresse ou mesmo o abandono da escola, uma baixa autoestima, o afastamento de colegas e amigos, a entrada para o caminho das drogas, dentre outros que ainda se pode agravar em

virtude de uma deficiente orientação vocacional dos alunos, os quais não dispõem nas escolas de serviços de informação e orientação adequados.

Por fim, a própria metodologia e a forma de avaliação feita pelo professor pode fomentar o insucesso escolar. Percebeu-se tal situação quando se buscou ações de enfrentamento com vistas à intervenção psicopedagógica para o problema da reprovação e insucesso escolar na disciplina de língua portuguesa, pois muitos não consideravam o aluno na sua particularidade e com características que lhe são próprias e, portanto, refletem no seu processo de aprendizagem.

Diante dessas situações, a escola, juntamente com a família deve ter uma formação para reflexão-ação-reflexão, para de fato acontecer à mudança que se espera. Do contrário, todos

fracassam, todos terão insucesso, pois, este insucesso escolar é atribuído, não só ao indivíduo aprendiz, como também a uma grande diversidade de agentes, tais como a própria escola, a família, a sociedade, dentre outros, dos quais direta ou indiretamente se relacionam com o contexto de educação.

Finalmente, vale ressaltar que este trabalho pretendeu discutir algumas diversidades de situações que se deparam com o insucesso escolar de alunos reprovados na disciplina de língua portuguesa. Certamente, há muitas outras. Além disso, buscou-se também, estudos sobre a importância de uma Intervenção Psicopedagógica que aponte possibilidades e perspectivas de mudança, procurando (re) pensar proposições assertivas sobre a escola, os professores, a família e especialmente os alunos dentro

de um projeto de educação que não se busque culpados, mas, a esperança no caos. Para isso é preciso ouvir mais, ver mais e sentir mais. Isto é possível? Então, comece por você.

Transmitir as experiências de vida e levar consigo mais experiências. Inspirar os alunos, motivá-los a enfrentar seus desafios e criar perspectivas de mudança faz parte das possibilidades que existe dentro de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: editora Papirus, 1995.

ANTUNES, Irandé. A aula de Português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 8ª ed., 2003.

Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA): documento básico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

BOSSA, Nadia A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Brasil. Ministério a Educação e do Desporto. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. – Brasília: 1997.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil. Ensino Fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB, Inep, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Linguística. São

Paulo: Scipione, 2009.

CURY, Augusto Jorge. Pais brilhantes, professores fascinantes.

Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FARIA, Ernesto Martins. Os alunos reprovados no Brasil: uma análise das proficiências e das taxas de abandono por meio das avaliações Prova Brasil e Pisa. Estudando Educação: Portal de Estudos e Pesquisas em Educação. Disponível em: file:///C:/Users/Geane/Desktop/PSICOCL%3%8DNICA/8_TCC/estudando-nc2ba-1-versc3a3o-finalv2.pdf em 02 de abr de 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUSIAK, Sandra Mara. Uma Análise da Prova Brasil com En-

foque nos Processos de Leitura e Escrita. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa da Região Sul, 2002.

LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MAYA & FISCHER, Christiane Martinati, Viviane Trindade. Intervenção psicopedagógica institucional. Canoas: ed. ULBRA, 2008.

MAYA, Christiane Martinati. Desenvolvimento e aprendizagem. Canoas: Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação e Pós-Graduação de Ensino a Distância, ULBRA, 2007.

- OLIVEIRA, Maria Auxiliadora de. Curso: Psicopedagogia. Disciplina: Avaliação Psicopedagógica. Associação Juinense de Ensino Superior do Vale do Juruena: Pós-Graduação Lato Sensu. Disponível em: https://www.pos.ajes.edu.br/arquivos/referencial_20130320152830.pdf [2015?]
- PARÂMETROS CURRÍCULARES NACIONAIS. Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997.
- PONTES, Patrícia Casasanta. Sucesso ou Fracasso Escolar: uma Questão de Relação Professor-Aluno. Monografia de graduação em Psicologia na Faculdade de Ciências da Saúde: Centro Universitário de Brasília, 2005.
- Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. São Paulo. Editora FAEF. 2012. Periódico semestral. ISSN: 1678-300X.
- SCOZ, Beatriz. Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem. 6 Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SILVA, Mauro A. ? Reprovação escolar é covardia. Coordenação Grêmio SER Sudeste. Disponível em: <http://www.geocities.com/coepdeolho/COE02502.htm> em 03 Dez 2007.
- SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma proposta social. São Paulo: Ática, 1995.
- TIBA, Içami. Quem ama educa: formando cidadãos éticos. São Paulo: Integrare Editora, 2007.
- VIÉGAS, L. S. Progressão Continuada e Patologização: Revista

Quadrimestral da Associação
Brasileira de Psicologia Escolar
e Educacional, SP. Volume 19,
Número 1, Janeiro/Abril de 2015:
153-161.

VYGOTSKY, Lev Semenovich.
Pensamento e Linguagem. São
Paulo: Martins Fontes, 2000.